

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Vânia Cristina Riger Godoy

**Mosaico vivo:
uma experiência de ensino em artes visuais**

Porto Alegre
2015

Vânia Cristina Riger Godoy

**Mosaico vivo:
uma experiência de ensino em artes visuais**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Artes Visuais – Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Zordan

Porto Alegre

2015

Vânia Cristina Riger Godoy

**Mosaico vivo:
uma experiência de ensino em artes visuais**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 08 dezembro de 2015.

Profa. Dra. Paola Zordan – Instituto de Artes/UFRGS – Orientadora

Profa. Dra. Blanca Brites – Instituto de Artes/UFRGS – banca examinadora

Profa. Dra. Cláudia Zanatta – Instituto de Artes/UFRGS – banca examinadora.

RESUMO

O presente estudo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais – UFRGS – aborda questões referentes à importância das Artes e de seu Ensino para o desenvolvimento criativo, psicossocial, da autoestima e também da autonomia dos alunos no decorrer do estágio em duas Escolas, uma Regular e outra de Educação Especial. A proposta desenvolvida em sala de aula foi concebida sob orientação da “pedagogia de projetos” e consistiu na aplicação do projeto denominado “Mosaico Vivo”. O referido projeto visa a elaboração pelos alunos de mosaicos a partir de grãos que serão regados e cuja germinação será registrada em fotografias. Servindo de mote para introduzir a reflexão e a prática artística, o projeto pretende mobilizar as turmas em torno do processo criativo, tendo como referência diferentes artistas e obras. Com base no método de “história de vida”, o trabalho em sala de aula é aqui apresentado como desdobramento das minhas experiências artísticas e pedagógicas anteriores ao estágio. A ideia geral é que, assim como o artista se constitui enquanto tal a partir da sua produção artística, a educação em arte também se constitui a partir da ação educativa e das histórias das pessoas que contribuem para o desenvolvimento do campo de ensino das artes.

Palavras-chave: Arte, Ensino de Artes Visuais, Educação, Educação Especial, História de Vida.

LISTA DE ABREVIATURAS

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento na Educação

HPSP – Hospital Psiquiátrico São Pedro

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

PTE – Programa de Trabalho Educativo

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Fotografia da “Velha” no Aterro Sanitário.....	9
Figura 02 – A Velha, desenho em grafite sobre papel.	10
Figura 03 – A Velha, mosaico em mármore e granito.	10
Figura 04 – Rainha Mãe.....	11
Figura 05 – Dos Tropeços.....	11
Figura 06 – Imagem do vídeo “Vida e Morte em Retrato” – 2010.	13
Figura 07 – Representação de galinha com argila e feijões.....	25
Figura 08 – Representações de doces em argila, feijões, chia e linhaça.	25
Figura 09 – Fotografias do Mosaico Vivo.	26
Figura 10 – Desenho de Lagartixa – Lia Menna Barreto.....	28
Figura 11 – Desenhos dos alunos.....	28
Figura 12 – Desenho de observação do Rafael.	30
Figura 13 – Desenho de observação do Lucas.	30
Figura 14 – Desenhos do Lucas.....	31
Figura 15 – Fotografias do Pátio da Escola.	31
Figura 16 – Composição representando o pátio da Escola.....	31
Figura 17 – Execução do Mosaico Vivo.	33
Figura 18 – Execução do Mosaico Vivo.	33
Figura 19 – Fotos dos trabalhos executados.....	34
Figura 20 – Fotos dos trabalhos executados.....	34
Figura 21 – O milagre dos pães e dos peixes	35
Figura 22 – Basílica de São Apolinário	35
Figura 23 – Foto da imagem craquelada.....	35
Figura 24 – Retrato.	35
Figura 25 – Fotos do Mosaico Vivo seco.	36
Figura 26 – Série <i>Pictures of Garbage</i> – Vik Muniz.....	37
Figura 27 – Pinturas dos alunos com tinta guache.....	38
Figura 28 – Trabalhos de criação utilizando fotocópias dos mosaicos vivos e recortes de revistas.	39
Figura 29 – Trabalhos de criação utilizando fotocópias dos mosaicos vivos e recortes de revistas.	40
Figura 30 – Fotografias dos alunos em sala de aula.....	41
Figura 31 – Desenhos em lápis de cor e papel – Vânia Riger.	43

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
2	INFLUÊNCIAS	5
3	MEU PERCURSO NAS ARTES VISUAIS: CRIAÇÃO E VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS	8
4	RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO.....	18
4.1	Apresentação das Instituições	18
	a) Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli.....	18
	b) Colégio Estadual Professor Elpídio Ferreira Paes	20
4.2	Relato Reflexivo: as observações das aulas na Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli	21
4.3	Relato Reflexivo: as observações das aulas no Colégio Estadual Professor Elpídio Ferreira Paes.....	22
4.4	Proposta de desenvolvimento das aulas	23
4.5	Relatos.....	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6	BIBLIOGRAFIA REFERIDA	44
7	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	44

1 INTRODUÇÃO

O texto aqui apresentado corresponde ao Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A proposta é trazer reflexões realizadas a partir do Estágio no Colégio Estadual Professor Elpídio Ferreira Paes e na Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli, desenvolvido durante o segundo semestre de 2015. Apresento um pouco das minhas referências, através de memórias, de experiências artísticas e pedagógicas vivenciadas também antes do estágio. Pode-se dizer que no estágio tive a oportunidade de cruzar experiências artísticas com experiências de ensino, tornando meu percurso pedagógico, parte do meu processo artístico. Foram diversas experiências anteriores que me levaram à produção que orientou o desenvolvimento das atividades em sala de aula.

A proposta desenvolvida na sala de aula foi concebida sob orientação da “pedagogia de projetos” e aplicada em duas turmas, uma do terceiro ano do Ensino Médio Regular (Colégio Estadual Professor Elpídio Ferreira Paes) e outra do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental de Escola Especial (Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli), sob o nome *Projeto Mosaico Vivo*. As atividades em sala de aula começam com a exibição de um vídeo de minha autoria – *Vida e Morte em Retrato* – que reproduz aceleradamente o processo de germinação de grãos de diferentes feijões, organizados num mosaico que retrata uma mulher, o vídeo termina com a secagem e morte das plantas.

A proposta foi a de usar este vídeo como referência para ilustrar e propor o projeto de ensino *Mosaico Vivo*. Ele consiste na montagem de diferentes mosaicos em sala de aula, a partir de diferentes grãos, com tempo de germinação diferentes, aos quais foram agregados outros materiais, como areia, terra com diferentes cores e argila. A imagem executada no mosaico foi de escolha dos alunos, que já de início foram provocados a pensar também o resultado que esperavam obter. A partir da elaboração dos mosaicos, os alunos deveriam cuidar para que os grãos germinassem, registrando seu desenvolvimento e transformações por meio de imagens fotográficas. Estas imagens viriam a fazer parte do trabalho final, que pretendia reunir as contribuições de todos os envolvidos. Ao longo do processo foram desenvolvidas outras atividades, procurando explorar,

a partir das experiências geradas ao longo do desenvolvimento do projeto, os conceitos da arte e da sua história, aliados à prática artística. A expectativa foi que, além do contato com a teoria e a prática das artes, os educandos desenvolvessem também a autonomia, a responsabilidade e despertassem para o fazer artístico.

Em síntese, a proposta consistiu em elaborar e executar um projeto de ensino em Artes Visuais, como descrito brevemente acima, e avaliar seu desenvolvimento e repercussão. Além dos registros da experiência, a partir da metodologia de história de vidas, procurou-se recolher elementos para avaliar o desenvolvimento dos alunos, tanto no que diz respeito aos aspectos criativos, como quanto à possibilidade da reabilitação psicossocial, de desenvolvimento da autoestima e da autonomia em ambos os espaços educativos.

Partindo da metodologia de “história de vida”, a expectativa foi a de trazer algumas contribuições para o mosaico científico que constitui o campo de investigação do ensino de artes visuais. Uma vez que o projeto “mosaico vivo” começou a desenvolver-se, inevitavelmente os alunos passaram a tomar certas decisões e agir de acordo com elas. A “história de vida” passou assim a acontecer e, ao final do estágio, tivemos uma vivência com as artes, tanto os educandos quanto eu, como resultado do percurso educacional. A proposta foi dar

seqüência ao trabalho a partir de sua própria perspectiva, a qual enfatiza o valor da “história própria” da pessoa. Esta perspectiva difere daquela de alguns outros cientistas sociais por atribuir uma importância maior às interpretações que as pessoas fazem de sua própria experiência como explicação para o comportamento. Para entender porque alguém tem o comportamento que tem, é preciso compreender como lhe parecia tal comportamento, com o que pensava que tinha que confrontar, que alternativas via se abrirem para si; é possível entender os efeitos das estruturas de oportunidade, das subculturas delinquentes e das normas sociais, assim como de outras explicações comumente evocadas para explicar o comportamento, apenas encarando-as a partir do ponto de vista dos atores. (BECKER, 1993, p. 103)

Com respeito ao campo de estudo, vale ressaltar que, conforme Becker (1993, p. 105), estudos ou relatos individuais podem funcionar como peças de um mosaico. Ele esclarece que a comparação com um mosaico é útil para pensar sobre o empreendimento científico que consiste na investigação acerca do ensino das artes visuais nas Escolas. Afinal,

cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros. (BECKER, 1993, p. 104)

Considerando o caráter eminentemente processual da proposta pedagógica baseada em projetos, a adequação do método de história de vida vem à tona. Como ressalta Becker (1993, p. 109) a *história de vida*, mais do que outras metodologias, permite dar sentido à noção de “processo”. Pois a “*formação do ato individual é um processo no qual a conduta é continuamente reformulada de modo a levar em consideração a expectativa de outros, como esta se exprime na situação imediata e como o ator supõe que possa vir a se exprimir.*” (BECKER, 1993, p. 109). É exatamente o que se esperava para o desenvolvimento do *Projeto Mosaico Vivo*, visto que cada educando devia tomar decisões e agir, o que por sua vez repercutiu na produção coletiva. Com o registro das experiências e das histórias vivenciadas no processo de construção do projeto cumpriu-se a expectativa de agregar algumas peças a mais no mosaico científico que se desenha no campo do ensino das artes visuais.

Na sequência deste texto – em *Influências* – apresento algumas considerações sobre pessoas e histórias que marcaram minha trajetória pessoal e repercutiram na minha trajetória de formação artística. Em seguida – em *Meu percurso nas Artes Visuais: criação e vivências pedagógicas* – realizo uma breve apresentação do meu percurso artístico e pedagógico. Por fim relato as atividades, experiências e histórias do Estágio realizado no segundo semestre deste ano. Finalizo o texto com breves considerações finais.

2 INFLUÊNCIAS

Não é fácil falar sobre o próprio trabalho artístico, mas na medida em que me proponho a fazer isso, não posso deixar de referir aos elementos que permearam minha formação. Uma destas referências obrigatórias é a obra de Érico Veríssimo. Foi por meio da leitura de alguns dos livros de Érico que pude redimensionar minha percepção dos costumes e da cultura da região onde passei boa parte de minha infância, o interior de Cruz Alta – RS. Ali encontrei elementos

que já faziam parte das minhas memórias, ou que eram semelhantes às minhas experiências pessoais, ou aos lugares e paisagens. Sem falar do que é próprio à cultura regional.

Nasci na cidade de Ijuí – RS, mas toda a minha infância foi marcada com paisagens e histórias de Boa Vista do Cadeado, distrito que pertencia à cidade de Cruz Alta, hoje emancipado. Minha avó materna morava naquele lugar, onde minha mãe e meus tios viveram sua infância e onde toda a família se reunia todos os fins de semana. Só agora, depois de muito tempo, tenho condições de perceber que as coisas que me motivaram na cerâmica e mesmo na escolha das cores, provêm daquele lugar, daquelas experiências. Muitas obras parecem-me originar-se delas, mesmo que de modo inconsciente.

A economia da região de Boa Vista do Cadeado é basicamente agropastoril, apesar de seus habitantes serem descendentes de várias etnias, tais como a indígena, espanhola, portuguesa, africana, italiana, alemã, etc. Diversidade de povos e costumes que vieram a formar um único povo, designado pela palavra “gaúcho”. Segundo Érico Veríssimo “*a palavra gaúcho está associada em nosso espírito a termos como macho, bravo, violento, mulhereiro, aventureiro, nobre, generoso...*” (VERÍSSIMO, 1973, p. 296), mas comporta também, sobretudo na região, um significado de homem honrado, corajoso, de moral, costumes e valores rigidamente estabelecidos. Observa-se isto, sobretudo como um esforço em manter as “tradições”.

Minha avó, a “Vovó Mercedes”, era de descendência italiana e mantinha alguns dos costumes e tradições destes imigrantes. Muitos destes costumes são imagens que povoam minha memória, sobretudo a comida, o linguajar, as histórias e a acentuada religiosidade. Uma das coisas mais marcantes de minha avó, que, por ter sido muito religiosa, andava sempre com um terço à mão, foi o ensinamento, destinado a mim e meus irmãos, de que o sinal da cruz era o melhor a fazer para “espantar o demônio”. Também lembro que na sala da casa da Vovó Mercedes havia um quadro que representava o céu e o inferno, e que costumava chamar minha atenção, embora não tenha comentado nunca com ninguém da família a respeito dele. De alguma forma essa representação do sagrado acabou se refletindo em meu trabalho.

Minha avó também costumava contar muitas histórias, algumas ambientadas na própria região, como a *Lenda do Padre Sem-cabeça*, que também ouvi ser contada por outras pessoas. Outras histórias pertenciam à cultura popular, como a história do Saci, a do Tigre e do Macaco, ou das peripécias do Pedro Malazartes. Ou ainda aquelas que pertenciam à cultura universal, como as histórias de *João e Maria*, do *Barquinho de Vidro*, etc. Sem falar das várias histórias de assombração, de almas penadas e lobisomens.

Outras lembranças importantes dizem respeito ao cemitério. Todos tinham que fazer o sinal da cruz ao entrar e ao sair dele; os túmulos, na maioria, tinham uma cor prateada, que contrastava com o vermelho da terra, com as flores de plástico e coroas de metal. No Dia de Finados, as pessoas se encontravam lá, e o lugar se tornava ponto de encontro daqueles que há tempos não se viam. Além das conversas habituais sobre os problemas cotidianos, ouviam-se histórias sobre a vida dos que ali estavam enterrados.

Apesar de ser uma pequena vila, Boa Vista do Cadeado também tinha os seus “andarilhos”, que eram pessoas que não tinham família na região e nem moradia fixa, e passavam seus dias perambulando pelas estradas, pedindo pouso numa casa e noutra. Na casa da minha avó, de tempos em tempos, aparecia a Henriqueta, que era uma pessoa simples, analfabeta, mas muito alegre, que contava muitas histórias dos lugares por onde passou. Além disto, ela gostava muito de “se pintar” (maquiar) e usar adereços coloridos, em combinações extravagantes.

Outra das minhas referências é o livro *Ana Terra* (Trecho de *O tempo e o vento*) de Érico Veríssimo, no qual encontramos expressa toda a severidade, o machismo e a opressão da mulher e, em contrapartida, a força da mulher que habitou e habita aquela região de Cruz Alta. Não tinha como não associar a história de Ana Terra com as histórias que minha avó contava sobre os costumes daquela região, da rígida educação que ela recebeu e que, um pouco amenizada, passou aos seus descendentes.

Deste modo não posso negar que Boa Vista do Cadeado, assim como a região do Planalto Médio como um todo, teve forte influência no meu imaginário e,

desta forma, no meu trabalho plástico. A beleza e a inspiração suscitada pela paisagem e pelo clima são descritos magnificamente por Érico Veríssimo, em *Solo de Clarineta*, segundo o qual, o clima,

“frio e seco no inverno, muitos ventos, algumas visitas do minuano, hóspede nada agradável, mas excelente assunto para conversação. Verões amenos, com noites perfumadas e tépidas, exceção feita aos dias bochornosos em que sopra o irritante vento norte. Primavera escabelada, flores de pessegueiros e de laranjeiras nos pomares, doces perfumes no ar, céus incertos, aguaceiros que não anunciam com antecedência a hora em que vão irrigar a cidade. O outono, cuja beleza só vim descobrir por acaso num dia de maio e névoa dourada, nos campos do Retiro, cheirava mel, e a mim me deixava amolentado e meio tristonho, tendo por outro lado uma utilidade prática pelo menos: a de induzir-me ao sonho e à fantasia, ajudando-me a conceber contos e novelas que em geral eu escrevia no inverno, com dedos duros de frio.” (1973, p. 189)

Toda a diversidade de cores das plantas, em contraste com a terra vermelha, o vento soprando sobre as lavouras de trigo e provocando movimento, o sol se pondo e se perdendo no horizonte e o silêncio do entardecer, a colheita da uva para fazer o vinho, são imagens e cores que povoam minha memória e, como não poderia deixar de ser, constituem a mim mesmo e assim estão também presentes no meu trabalho.

3 MEU PERCURSO NAS ARTES VISUAIS: CRIAÇÃO E VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Minha trajetória de formação começou durante o período em que cursei Bacharelado em Artes Visuais na Universidade Federal de Santa Maria (2000 – 2004). Em síntese, posso dizer que foi um período mais importante de experimentações e descobertas acerca da arte. Embora tenha me especializado em pintura, como parte da pesquisa para meu Projeto de Conclusão de Curso, realizei uma pesquisa fotográfica percorrendo diferentes lugares: um Quilombo, um Assentamento de Sem-terras, algumas comunidades do interior de Santa Maria e um Aterro Sanitário. Devido ao tema da minha pesquisa que estava relacionado a condição humana e por isso buscava expressões fisionômicas de pessoas que viviam em condições precárias de sobrevivência. Desses lugares percorridos o que mais me marcou foi o Aterro Sanitário de Santa Maria, um espaço impressionante, com mau cheiro, montanhas de lixo e muitas pessoas trabalhando sem as mínimas condições de segurança.

Sempre pensei que nestes lugares não haveria cores, mas, para minha surpresa havia muita cor, cores que vinham de muitos objetos e sacolas plásticas em montanhas de lixo, misturadas com pessoas e urubus. Todos disputando o mesmo espaço. As pessoas que ali estavam trabalhando não queriam ser identificadas pois tinham vergonha de estarem naquela condição. Uma cena que me tocou particularmente foi a de um menino, que embora não tivesse muito mais que 10 anos de idade, trabalhava intensamente; seu olhar era triste e profundo. Também lembro de uma senhora, que apesar da idade avançada, estava ali trabalhando; foi a única que permitiu ser fotografada.

Esta foto, de alguma forma também me sensibilizou, e acabei usando-a como referência em meu trabalho plástico em diferentes momentos. Primeiramente produzi um desenho em grafite que denominei simplesmente de *A Velha*. Posteriormente, a partir da conclusão do Curso de Mosaico Romano que realizei em 2007 no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, a partir da mesma imagem produzi um mosaico em mármore e granito. Foi a partir deles que acabei produzindo o vídeo chamado “Vida e Morte em Retrato”, que veio a ser norteador para meu projeto de estágio.



Figura 01 – Fotografia da “Velha” no Aterro Sanitário, 2004.



Figura 02 – *A Velha*, 2004
desenho em grafite sobre papel sulfite
Dimensões 30cm x 21cm



Figura 03 – *A Velha*, 2007
Mosaico em mármore e granito
Dimensões 50cm x 35cm.

Em busca de aperfeiçoamento e espaço profissional, em 2008 fiz vestibular e ingressei no curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi durante este curso que tive, pela primeira vez, um contato mais aprofundado com a cerâmica. Esta foi uma etapa de descobertas e iniciou um novo período de muito aprendizado e experimentações.

Este foi o período em que tive as primeiras experiências com o Ensino de Artes Visuais. A primeira oportunidade foi uma monitoria na área de cerâmica, de 2010 a 2012, no Curso de Extensão Contato com a Cerâmica, sob a orientação da professora Cláudia Zanatta, que era direcionado ao público com deficiência visual. A experiência foi muito enriquecedora e propiciou meus primeiros contatos com o universo da educação especial. Chamou minha atenção a maneira como os deficientes vivem e participam de uma sociedade que se diz inclusiva, mas ainda vê a deficiência como um entrave.

Paralelamente às atividades junto ao Curso de Extensão, desenvolvi experimentações com a cerâmica e produzi alguns trabalhos, apropriando-me progressivamente da técnica, integrando-a aos meus conhecimentos prévios. Fiz experimentações com o mosaico na cerâmica e a partir daí surgiram algumas obras como a *Rainha Mãe*, *Guerreiro*, *Anjo* e *Dos Tropeços*. Num processo contínuo de

reflexão e criação percebi que, tanto as Artes Visuais e os processos criativos quanto os fatos e as histórias se comportam como peças de um mosaico. As mesmas peças que ajudam a compor uma imagem e/ou história, permitem explicitar minhas referências e memórias, permitem entender o meu trabalho artístico.



Figura 04 – *Rainha Mãe* (cerâmica), 2009.
Dimensões aproximadas 30cm x 20 cm x 40cm



Figura 05 – *Dos Tropeços* (cerâmica), 2009.
Dimensões 29cm x 7cm x 34,5cm

A partir destas experiências comecei a juntar diferentes referências, compor imagens e através destas imagens novas configurações foram se

delineando. Uma delas, de especial importância para o projeto desenvolvido no estágio, foi a do mosaico de feijões.

Um dia estava caminhando no Mercado Público de Porto Alegre, quando avistei, numa das bancas, feijões muito diferentes dos tradicionais. Eles eram maiores e coloridos, chamados de “olho de tigre” pelo vendedor. Afetada por aquela profusão de cores e pelos formatos, tive a ideia de montar um mosaico com aqueles feijões. A afecção, segundo Cecília Almeida Salles (1989), envolve também a emoção provocada pelos objetos que estão a nossa volta. É a capacidade que temos de perceber coisas a nossa volta, reconfigurá-las e transformá-las em algo novo.

A partir desta ideia realizei algumas experiências, construindo mosaicos com feijões. Na expectativa de acessar também do processo de transformação que a matéria viva passa, optei por realizar o mosaico sobre uma camada de argila molhada. O desenvolvimento da proposta e seu registro diário ao longo de vários dias resultou no vídeo “Vida e Morte em Retrato”.

Mesmo sem saber o que iria acontecer usando feijões e não um material convencional, explorei a emoção e a curiosidade, procurando ver no que e como o mosaico iria se transformar ao longo do processo de germinação das sementes. A imagem escolhida para compor esse mosaico foi *A Velha* (senhora fotografada no Aterro Sanitário de Santa Maria que mencionei acima), que já havia sido retratada em mármore e granito. A escolha dessa imagem deu-se por julgá-la como uma imagem intensa e com bastante informação. É como se naquele olhar pudéssemos ver um pouco da história daquela gente que vivia no Aterro Sanitário de Santa Maria. Para mim é como se aquele olhar transmitisse uma vida inteira. Assim, durante a sua confecção, foi como se cada grão colocado no mosaico ajudasse a contar um pouco desta história.

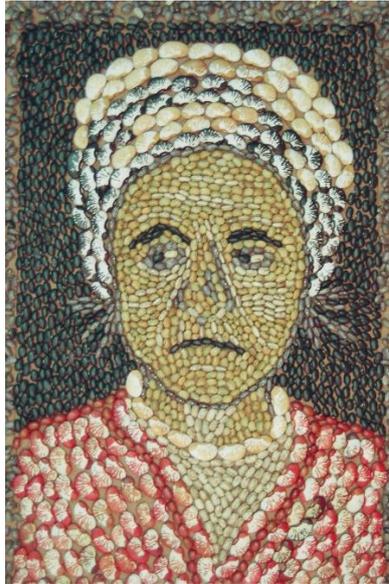


Figura 06 – Imagem do vídeo *Vida e Morte em Retrato*, 2010.

Não pude deixar de refletir sobre a vida como um processo de construção que, por se constituir da junção de diversos fragmentos, pode ser vista como um mosaico. Daqui veio a ideia que acabou por dar a perspectiva geral que orientou meu trabalho pedagógico ao longo do estágio, cujo relato compõe este documento.

O trabalho na oficina *Contato com a Cerâmica* foi também uma experiência rica do ponto de vista pedagógico. O público que a frequentava era bem heterogêneo, incluindo pessoas dos 16 aos 60 anos de idade; alguns totalmente cegos, outros com graus diferentes de cegueira e outros que não tinham problemas de visão; mas todos com situação econômica e graus de escolaridade bem distintos. Apesar de um público bem diversificado, a interação e a troca de experiências entre as pessoas era muito grande. Aos poucos fomos aprendendo juntamente com eles e adaptando as coisas básicas do dia a dia, o material para o trabalho, a descrição das coisas, das cores, das formas e a localização do espaço no ateliê.

O trabalho com cerâmica era realizado voltado para o processo criativo de cada integrante do grupo, para seus questionamentos e demandas e para sua singularidade. Enfim cada aluno contribuía com sua trajetória e experiência de vida,

tornando-se peça importante para a formação do grupo, que ao longo do curso desenvolveu muitos laços afetivos.

Lembro de muitos deles, mas a Noeda, uma senhora com 100% de cegueira, muito simpática, marcou bastante minhas memórias desse período. Apesar dela ter problemas de saúde e difícil acesso ao Instituto de Artes, pois morava muito longe e dependia de transporte público, ela estava presente em todas as aulas com uma alegria enorme que contagiava a todos. Depois de muito tempo trabalhando juntas, um dia conversamos sobre a sua percepção do mundo ao redor. Foi neste momento que ela me disse que havia formado uma imagem de mim através do som da minha voz, descrevendo ela me via. Aquilo me comoveu e me fez refletir que apesar de estar há algum tempo trabalhando juntas no ateliê de cerâmica, a visão que ela tinha de mim não correspondia ao que eu era fisicamente. Então fiz uma descrição de como era minha aparência física e com as mãos ela percorreu todo o meu rosto, fazendo uma leitura e ao mesmo tempo descrevendo o que percebia. Depois daquele dia passamos a nos “ver melhor”. Fiquei pensando que o grupo passou a ser tão integrado, que percebíamos nos compreendíamos mutuamente como pessoas com suas particularidades e suas histórias de vida, mas não víamos a deficiência visual como uma barreira limitadora para convivência e para o trabalho artístico.

Mais tarde, mas ainda concomitantemente com a monitoria na cerâmica, passei a trabalhar na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP) como estagiária, sob a orientação da professora Paola Zordan (2011-2012). Esta atividade propiciou muitas descobertas e rompimento de preconceitos e medos com respeito à loucura. Foi também outra oportunidade de tratar com ensino de artes, embora com outro tipo de público.

A Oficina realizava-se numa das antigas alas do Hospital Psiquiátrico e era frequentada por pessoas que sofrem de algum transtorno psíquico. O local, apesar de ser um ateliê de arte, com muitas cores, era realizado num espaço que continha marcas e vestígios do tempo, evidenciando que lugar tinha muita história. Aos poucos fui apropriando-me daquele espaço e conhecendo melhor o seu público.

O público que frequentava a Oficina na época possuía uma faixa etária bem diversificada, com crianças, adultos e idosos, incluindo pessoas que moravam fora do hospital, moradores do hospital e do Instituto Psiquiátrico Forense (IPF). O trabalho desenvolvido naquele espaço era voltado para cada indivíduo e seu processo criativo. As técnicas e materiais disponíveis eram bem diversificadas e o frequentador da Oficina podia escolher a técnica que melhor se identificasse.

O tempo que trabalhei na Oficina foi um período de muito aprendizado sobre arte e loucura e sobre histórias de vidas. Lembro do senhor João Bratkaukas, já falecido, que foi internado HPSP quando tinha apenas 16 anos de idade com diagnóstico de Epilepsia. Ele viveu quase toda sua vida internado no HPSP e, quando saiu, depois de anos, foi morar com a família. O senhor João nunca mais havia entrado no HPSP depois da Reforma Psiquiátrica, que acabou com as internações permanentes. Somente depois de muito tempo ele participou de uma feira organizada pela Oficina de Criatividade no espaço do HPSP. Na época ele frequentava o *Geração POA*, um serviço de geração de renda e foi para a feira vender o material produzido lá. Foi nesta oportunidade que ele conheceu a Oficina e a partir daí passou a frequentá-la.

O senhor João gostava de muito de pintar, seus temas incluíam flores, pássaros, sol, pessoas, santos e coisas que ele observava no seu dia a dia. Ele nunca foi alfabetizado, só sabia escrever seu nome. Um dia perguntei-lhe se gostaria de fazer um curso de cerâmica o Instituto de Artes e ele respondeu que sim. Passei o endereço e horário e disse que estaria lá esperando. Para minha surpresa ele chegou até lá, mostrando que conseguia se locomover muito bem na cidade. No período que frequentou o curso produziu muito; fez bule, chaleira, vasos e queria muito fazer uma panela de cerâmica para cozinhar. Devido aos problemas de saúde que foram se agravando, ele não ficou muito tempo no curso, só frequentava a Oficina de Criatividade e várias vezes perguntava sobre as atividades com cerâmica e dizia que quando melhorasse iria voltar.

Ele tinha uma saúde muito precária, pois era cardíaco e diabético. Numa manhã cheguei na Oficina, abri o ateliê e em seguida chegou o senhor João todo sujo de grama, tinha caído no chão e estava com tonturas. Então levei-o até a enfermaria do HPSP onde foi atendido pelo médico que examinou e disse que tinha

que ficar um tempo em observação. Naquele momento o senhor João me olhou e disse que não queria ficar sozinho ali; parecia uma criança amedrontada. Tinha medo de que fossem prendê-lo e nunca mais deixá-lo sair, como na época que estava internado no HPSP. Nesse momento disse para ele confiar em mim, que eu voltaria logo em seguida, só ia até a Oficina encaminhar as coisas e avisar a família dele. Para mim foi marcante aquele olhar, nunca mais o esqueci.

Lembro também que o senhor João produzia muito, passava horas pintando. Um dia ele me disse que não queria morrer porque ele queria continuar trabalhando. Naquele período ele já estava bem doente e muitas vezes não falava para a família que não estava bem, com medo de não poder sair de casa e ir para a Oficina.

Em algumas das nossas conversas ele contava como era a sua vida quando estava internado no HPSP. Relatava que eram maltratados, levavam choques e injeções, algumas pessoas saíam mortas de lá. Eram dopados e durante o dia não tinham nada para fazer a não ser dormir na terra, no chão, sem abrigo. Em dias de chuva não tinham onde ficar porque não podiam voltar para seus dormitórios. A noite não tinham camas para dormir, dormiam amontoados e havia ratos que vinham comer a sujeira e resíduos de alimentos. Também mencionou que o banho ocorria ao ar livre, todos nus enfileirados e um funcionário do HPSP jogava água com mangueira e isso era chamado de “mangueirão”. Ele disse que depois de sair do HPSP ficou muito tempo sem passar por perto do prédio e com frequência dizia que não sabia como era o tratamento hoje, mas que na Oficina era diferente, ele gostava de estar ali.

Ainda cursando a Licenciatura em Artes Visuais, motivada pelo trabalho desenvolvido na oficina de artes do HPSP, passei a cursar a Residência Multiprofissional em Saúde Mental, pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (2013-2014). Durante os dois anos de Residência trabalhei em diferentes serviços de Saúde da Rede Municipal de Porto Alegre. Nesses espaços ministrei oficinas de arte na reabilitação psicossocial de pessoas que sofriam de algum transtorno mental. Este trabalho com saúde mental levou-me a questionamentos das mais diversas ordens, tais como sobre o ser humano, sobre seu comportamento, sobre os espaços de saúde, sobre a capacidade que a arte tem

em acessar o sujeito. Impressionou-me como o trabalho com arte pode levar a novas maneiras de lidar com a realidade, evidenciando o valor pedagógico do processo criativo.

Acredito que minha experiência com o ensino não-formal foi importante para a atuação no ensino formal. Para realizar meu estágio pude partir de conhecimentos e experiências anteriores, que enriqueceram o processo, promovendo o desdobramento de possibilidades. Afinal, como propõe Becker (1993), a formação humana está em constante reformulação; ou seja, estamos sempre num processo contínuo de aprendizado.

Vale considerar que o professor, ao se deparar com o Ensino das Artes Visuais, deve questionar-se acerca do conteúdo a ser ministrado na disciplina. Frente esta situação é inevitável pensar o que ensinar? Como ensinar? E para que ensinar? Para essas questões não se tem uma resposta simples e direta. Tendo em mente o caráter processual da educação em geral, no ensino das artes não pode ser diferente. Como observa Hernández (2000), a Escola não deve ser mera reprodutora do conhecimento, mas sim um lugar onde se abre a possibilidade de construções mais amplas, o que, por sua vez, amplia o processo pedagógico.

No ensino não-formal estes questionamentos estavam voltados para as demandas e interesses de cada um, sendo que o trabalho estava relacionado diretamente ao processo criativo do indivíduo. Assim como no ensino não-formal, para o ensino formal o trabalho esteve também voltado para o processo criativo dos alunos, mas, as respostas para as perguntas relacionadas acima vão depender não apenas dos interesses dos educandos, mas também de outros fatores como o nível de ensino dos alunos, a realidade deles e os requisitos legais e normativos, tais como os *Parâmetros Curriculares Nacionais*.

Quando menciono o processo criativo e a criatividade estou usando como referência a definição de criação apontado por Cecília Almeida Salles (1998, p.95), que a determina como sendo a seleção de informações e elementos recombinaos e transformados em algo novo. Partindo da realidade, do conhecimento, da observação e da capacidade única de cada indivíduo de relacionar esses elementos, sobressai a importância do processo e não apenas do resultado e da

obra final. Para Salles, “*A poeticidade não está nos objetos observados mas no processo de transfiguração desse objeto. O que está sendo enfatizado é o papel transformador desempenhado pela percepção, nessa ação do olhar sobre a realidade externa à obra*”. (SALLES, 1998, p.95)

Partindo deste contexto, apresento a seguir o desenvolvimento do trabalho com os alunos no dia a dia, nas pequenas observações e relatos que partiram deles durante as aulas do estágio. Ainda em relação ao trabalho desenvolvido em sala de aula, quando utilizo a palavra “experiência”, considero-a enquanto parte do processo criativo, buscando desenvolver este “outro” tipo de conhecimento, que é da ordem do sensível, do subjetivo e das experiências vivenciadas por cada um e descritas ao longo do desenvolvimento do trabalho. Segundo Larrosa, pode-se entender *experiência* como “*aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma*”. (BONDÍA, 2002, p.25-26). Segundo este autor, a experiência vivida por cada indivíduo é única; a partir dela cada sujeito é capaz de apreender e relacionar elementos e compreender o mundo a sua volta.

4 RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO

4.1 Apresentação das Instituições

a) Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli

A Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli está localizada na Rua Butuí, 221, no Bairro Cristal, em Porto Alegre. Ela surgiu no fim da década de 1980, com a finalidade de atender crianças com deficiência mental em idade escolar. No início houve vários protestos da comunidade pedindo que não construíssem a Escola no bairro, porque poderia desvalorizar os imóveis da região, já que teria uma Escola para “anormais” nas proximidades. Em 1988 entrou em atividade esta que foi a primeira Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental da capital. Segundo a vice-diretora

Viviane Loss, hoje a Escola é uma referência para o bairro e a comunidade participa e apoia a Instituição.

Esta instituição atende a Região Centro-Sul-Oeste de Porto Alegre, que inclui os bairros Glória, Cruzeiro, Cristal, Vila Nova, Centro, Ponta Grossa e Ipanema. A comunidade escolar é bem diversificada, incluindo pessoas bem distintas do ponto de vista econômico e das diferentes deficiências. O bairro Cruzeiro tem maior destaque entre a clientela por ter uma população maior, com grandes problemas socioeconômicos, tais como tráfico de drogas, alto índice de violência e de pobreza.

A Escola atende nos turnos da manhã e da tarde. Em termos de estrutura física a instituição conta com 10 salas de aula convencionais e mais 3 salas para crianças menores. Também possui um ginásio, 7 banheiros adaptados e um refeitório, onde é servido um cardápio que leva em conta as diferentes necessidades das crianças. Pois há alunos que precisam de espessante nos alimentos líquidos para não se engasgar, outros que têm intolerância à lactose, ou que precisam de comida pastosa, pois, não conseguem ingerir alimentos sólidos.

Ao todo, a clientela atendida é de 180 alunos, com diferentes problemas, tais como deficiência mental, transtornos ou atrasos de desenvolvimento, paralisia cerebral, prematuridade, doenças metabólicas, transtorno neuropsicomotor, deficiências múltiplas, hiperatividade, distúrbio de atenção e autismo. Há ainda crianças com deficiências múltiplas, como deficiência mental associada à lesão cerebral, à deficiência física, visual e auditiva. Para tanto a Escola conta com uma equipe de 37 profissionais, compondo uma equipe de apoio, a vice direção, a coordenação pedagógica, a orientação educacional e a coordenação cultural. Além disso, também tem 3 monitores, 4 funcionários da limpeza e manutenção, 5 funcionários da equipe de nutrição e 2 estagiários no ambiente informatizado.

A Escola tem como fonte de financiamento o repasse de verba da Prefeitura e de Projetos através do PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola e FNDE – Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação. Depende da aprovação desses projetos todo o ano para se manter, porque a verba repassada pela Prefeitura de Porto Alegre não é suficiente. A Escola também conta com um

Programa especializado para atender crianças de zero a seis anos de idade. Para as crianças de zero a 2 anos e 11 meses de idade, a Escola tem um convênio com o Hospital Presidente Vargas e Postos de Saúde.

A organização do Ensino constitui-se a partir de ciclos de formação, considerando a faixa etária do aluno, o currículo e as especificidades de cada um. Os ciclos dividem-se em três: I ciclo 6 a 9 anos e 11 meses de idade, II ciclo 10 a 14 anos e 11 meses de idade e III ciclo 15 a 21 anos de idade. A base curricular organiza-se a partir de três disciplinas: Educação Artística, Educação Física e Multimeios, contemplando as diferentes áreas do conhecimento. A progressão por ciclo se dá por idade, capacidade de convivência em grupo e autonomia nas atividades diárias, a partir da decisão tomada pelos professores em Conselho de Classe. A instituição também oferece complementos curriculares, para seus alunos e para os da Escola Regular, tais como, Música e Dança, Jogos Teatrais, Fotografia, Artes Plásticas. Além disso, possui um Programa de Trabalho Educativo (PTE), que visa introduzir o aluno ao mundo do trabalho. A comunidade reconhece a qualidade da Escola, visto que ela possui uma lista de espera com mais de 100 alunos aguardando uma vaga. Indicando a necessidade de haver um maior número de Escolas Especiais em Porto Alegre.

Por fim, os objetivos da Escola são a construção da cidadania, apostando no potencial de todas as pessoas e buscando a inserção social através da cultura. É importante ressaltar que no *Projeto Político Pedagógico da Escola*, a arte é o dispositivo que norteia os projetos de inclusão, prevendo parcerias, buscando a interação e o aprendizado do aluno através de atividades artísticas e a inserção nos espaços culturais da cidade.

O estágio nesta Escola foi realizado na turma CT1, 3º ciclo do Ensino Fundamental. O professor responsável pela disciplina de Artes nesta turma é Ernani Chaves, que me recebeu e acolheu a proposta.

b) Colégio Estadual Professor Elpídio Ferreira Paes

O colégio Estadual Professor Elpídio Ferreira Paes encontra-se localizado no bairro Cristal, rua Inhanduí, número 432. Conta com cerca de 1.200 alunos

frequentando Ensino Fundamental e Médio, em seus três turnos de funcionamento. O espaço físico da Escola é amplo, com jardim e quadra de esportes. Possui também uma sala de arte, com pia e armário. Nos corredores pode-se observar trabalhos de arte realizados pelos alunos.

Atuei no terceiro ano do Ensino Médio, do período da manhã, cuja disciplina de Artes é ministrada pela professora Maria Salete Melo Martins Pinto. Sua formação é em Licenciatura em Artes Visuais, com Pós-graduação em Gestão Escolar e Pós-graduação em Mídias na Educação, atuando em sala de aula há vinte anos, nesta modalidade.

A professora, já de saída afirmou que seus alunos têm muita dificuldade no raciocínio e na abstração, mas que, desde 2009 trabalha com projetos. Segundo relata, foi a leitura de Fernando Hernández que a motivou a desenvolvê-los. Estes projetos estão divididos em três etapas: projeto escrito, projeto visual e projeto de execução. Para Salete um dos objetivos dos projetos era o de fazer com que o aluno percebesse a importância do planejamento e a utilização do conhecimento de forma relacionada, associada a outras áreas do conhecimento.

Salete afirmou que os alunos em geral se integram ativamente aos projetos. Além disto, esta modalidade de trabalho acaba por integrar também a comunidade, que apoia e ajuda com algum material para a execução. Ela ressalta que um dos principais fatores que motivam os alunos é a motivação do próprio professor, por isto deixa claro não só que ela acredita no que faz, mas também que gosta do que faz. Apesar de afirmar que há problemas com respeito à integração com as outras disciplinas, ela ressalta que a proposta de trabalho por projetos pode ser considerada um sucesso, visto que possibilita ganhos pedagógicos, sociais e ecológicos, mesmo sem a disponibilização de material didático por parte da Escola.

4.2 Relato Reflexivo: as observações das aulas na Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli

Iniciei minhas atividades junto à turma CT1 com observações das aulas do Prof. Ernani. De início todos ficaram muito intimidados com minha presença, mas

aos poucos eles foram conversando e se sentindo menos inibidos. A turma possui sete alunos, duas meninas e cinco meninos, cuja faixa etária varia entre 15 e 21 anos. Segundo o professor a turma é muito agitada e com muitas limitações, sendo que a maioria não é alfabetizada. Pude observar que na turma tem uma menina, em que a dificuldade é permanecer em sala de aula, também, outro menino que não faz nada de atividades e não fala com ninguém, ainda tem outro menino que é extremamente nervoso e alguns com muita dificuldade na fala, não conseguem se expressar direito. O professor Ernani ressaltou que é importante trabalhar bastante a coordenação motora, a percepção visual, a exploração de materiais e não exigir muito deles para não causar frustração. Neste trabalho é necessário ensinar o básico, como a percepção de figura, fundo, dimensões, proporção, grande, pequeno, alto, baixo, linhas e volume.

Com relação as práticas de ensino em sala de aula, foram trabalhadas a figura humana usando uma boneca como referência para o desenho. Também pintaram o muro da Escola, foi interessante ver como eles se envolveram nesta atividade. O professor orientou individualmente cada aluno. Eles conseguiram fazer linhas, preencher espaços vazios e fazer contornos sem pintar por cima dos espaços já preenchidos. Isso não acontece em sala de aula, numa folha de papel, na maioria das vezes. Pude perceber, que ampliando o espaço, eles conseguiram desenvolver melhor a atividade. O professor comentou que o rendimento do trabalho varia muito, quando eles não estão bem emocionalmente ficam mais distraídos, o trabalho fica mais comprometido e têm mais dificuldade em produzir.

Não posso deixar de ressaltar que a oportunidade de observar as aulas foi muito significativa para meu aprendizado. Por meio delas terei mais dados para refletir e compor as aulas que serão ministradas no segundo semestre do estágio.

4.3 Relato Reflexivo: as observações das aulas no Colégio Estadual

Professor Elpídio Ferreira Paes

Numa conversa inicial com a professora Salete ela relatou sobre a realidade difícil da maioria dos alunos que frequentam a Escola. Relatou que a cada ano aumenta o número de alunos indisciplinados que fazem uso de drogas, roubam e

ameaçam os professores. Ela considera que toda a conjuntura escolar, a sobrecarga de trabalho e o baixo salário são fatores que não apenas dificultam, mas também desmotivam. Durante as observações, a professora Salete ministrou aula em duas turmas ao mesmo tempo, devido à falta de professores na Escola.

A turma que realizei as observações de aula nesta Escola foi a 231, terceiro ano do Ensino Médio, com 37 alunos. Pude observar que a maioria dos alunos desenvolvem as atividades propostas em sala de aula. Essa turma possui boa percepção das formas, da composição e da cor. Eles também relataram que já visitaram Museus de Arte e foram na Bienal do Mercosul. Com relação ao estudo da história da arte, a professora afirmou ter tentado, mas, a adesão dos alunos foi mínima. A maioria deles vem de famílias com baixo poder aquisitivo, alguns moram na favela e dizem ter uma vida difícil.

Com relação as práticas de ensino, a professora propôs trabalhar com publicidade, desenvolvendo alguns estudos de composição, como repetição de elementos e texturas e também a estamparia. Trabalhou um texto de Carlos Drummond de Andrade, identificando palavras desconhecidas e buscando seu significado no dicionário. Sua proposta incluiu a produção de texto reflexivo, utilizando como referência o poema em questão, além do estudo das cores. Todo o material utilizado em sala de aula, na maioria das vezes, é a professora que traz, a Escola não disponibiliza e os alunos não trazem. Como forma de avaliação a professora recolhe o portfólio, contendo todas as atividades desenvolvidas.

Por fim, cabe salientar que, embora haja problemas na estrutura institucional e a questão social e econômica seja desfavorável, os alunos da turma têm condições e interesse pelo aprendizado no campo das artes.

4.4 Proposta de desenvolvimento das aulas

Para o planejamento das aulas nas duas Escolas foi utilizado o mesmo Projeto *Mosaico Vivo*. Ele consiste na elaboração de um mosaico de grãos, montado sobre argila, que são regados pelos alunos para que germinem. São eles que também devem registrar em fotografias todo o processo de transformação e

trazer a cada aula as imagens realizadas durante a semana para apresentar ao grupo. Os conteúdos foram adaptados ao nível de ensino e às condições dos educandos, usando como referência o Mosaico Bizantino e as obras de três artistas: Antoni Gaudí, Vik Muniz e Lia Menna Barreto. Estes foram escolhidos por terem, de uma forma ou outra, conexão com o *Projeto Mosaico Vivo*; ou a técnica do mosaico, a modalidade de retrato ou a exploração e uso de materiais efêmeros, etc. A proposta procurou desenvolver a criatividade dos educandos e ampliar as possibilidades do olhar sobre as formas, imagens e cores.

4.5 Relatos

I

A seguir segue o relato das aulas ministradas durante o segundo semestre de 2015 na turma CT1, 3º Ciclo do Ensino Fundamental, da **Escola Municipal Especial Professor Elyseu Paglioli**. A proposta do projeto foi realizada logo nas primeiras aulas. De início foi realizada uma pequena experimentação para que os educandos pudessem familiarizar-se com o material. Todos colocaram argila num pote e acrescentaram grãos (em preparação para a próxima aula). Alguns alunos misturaram tudo, mas outros mantiveram os grãos sobre a argila, de modo a formar um mosaico. Em seguida, todos foram até o pátio da Escola, onde havia grama e vegetação alta e deixaram seus trabalhos “escondidos” para que ninguém mexesse. De volta para a sala de aula combinamos que esse seria o nosso segredo. Ainda neste encontro, a aluna Franciele assumiu a função de monitora da professora, auxiliando na preparação do material. Ficou combinado com o restante da turma que em cada aula um aluno diferente seria o monitor. Com isso busquei desenvolver a autoestima e autonomia do aluno. Com relação ao Gian (aluno que durante as aulas não fala e não faz nenhuma atividade), neste dia montou seu pote com argila e grãos e também levou até o pátio da Escola.

Na semana seguinte, quando cheguei na Escola, o professor Ernani disse que alguns alunos estavam muito agitados e por isso teríamos que tentar tranquilizá-los. Antes de começar a aula conversei com eles, lembrando dos trabalhos anteriores e informei que o professor Ernani os levou para a sala de aula,

porque a grama do pátio havia sido cortada. Mostrei os trabalhos secos e perguntei se eles sabiam porque não tinham germinado e uma aluna respondeu que era por falta de água. Expliquei a atividade a ser desenvolvida e perguntei o que eles achavam. Todos responderam que queriam participar e com isso partimos para o trabalho. Como havíamos decidido no encontro anterior, neste encontro a aluna Valesca se dispôs a ser a monitora para auxiliar a professora na preparação do material. Todos desenvolveram seus mosaicos de grãos envolvendo-se no trabalho. Alguns alunos nunca haviam trabalhado com argila, mas outros já estavam familiarizados com o material. Alguns alunos elaboraram diferentes composições, como a representação de uma galinha, de um bolo, de doce; embora outros apenas foram agregando materiais. Todos trabalharam até o final da aula de maneira tranquila, pareciam mais envolvidos na atividade do que o habitual. Com relação ao aluno Gian, pude observar que ele só entende o que fazer quando a ação é executada, por exemplo: quando disse para ele colocar argila no prato ele permaneceu parado, mas quando peguei a argila e coloquei no prato ele entendeu e repetiu a ação. Ao final do encontro conversamos sobre o que eles haviam feito e combinamos que eles deveriam molhar os trabalhos todos os dias para que os grãos germinassem.



Figura 07 – Representação de galinha com argila e feijões.



Figura 08 – Representações de doces em argila, feijões, chia e linhaça.

Na aula seguinte, logo que cheguei na Escola, encontrei uma aluna me esperando para mostrar que os grãos estavam germinando. Fui com ela até a sala para ver os resultados, logo depois a turma chegou e começamos a aula. Conversamos sobre a germinação das plantas e todos foram ver seus trabalhos, mas muitos deles não demonstraram interesse. Em seguida, continuamos o trabalho com argila e feijões, dando continuidade à atividade da aula passada, mas agora focando nas formas com a argila e os feijões. Alguns envolveram-se, mas outros dispersaram-se logo no início. As alunas Franciele e Francine foram as monitoras e ajudaram na distribuição do material. Durante a aula tive que chamar a atenção de alguns alunos que estavam dispersos e pude observar que aquele material (argila e grãos) já não era novidade para eles e não despertava interesse.



Figura 09 – Fotografias do Mosaico Vivo.

Na outra aula os alunos escolheram uma planta do projeto e fizeram desenhos dela. O aluno Rafael perguntou se o sentido do papel utilizado para desenhar a planta era vertical ou horizontal; com isso, pude perceber que ele já está se organizando espacialmente. Para a maioria da turma o projeto não é muito significativo e, segundo comentou o professor Ernani, ele desperta mais interesse nos alunos de outras turmas, que acompanham curiosos seu desenvolvimento. Um dos fatores relevantes é que os integrantes da turma CT1 possuem mais limitações. Ainda neste dia, duas alunas pediram para trabalhar novamente com argila e grãos. Para elas o mais significativo foi trabalhar com aquele material e não o acompanhamento das plantas crescendo. Então sugeri que elas levassem os grãos e construíssem novamente o trabalho em suas casas.

Antes de comentar sobre a aula seguinte, gostaria de mencionar um fato ocorrido neste dia. Ao sair da sala ficamos todos trancados porque a porta havia sido fechada pelo lado de fora. Pela janela um menino que estava no pátio repetia que não iria abrir a porta e que iríamos ficar ali, numa espécie de diversão com a nossa delicada situação. Tentei tranquilizar os alunos, fui até a janela da sala de aula e chamei uma funcionária da Escola, que nos “salvou” abrindo a porta.

No encontro seguinte, trabalhamos a técnica da repetição e sequência, usando como referência o trabalho da artista Lia Menna Barreto. A partir da imagem de uma lagartixa, os alunos fizeram vários desenhos usando canetas coloridas. Em seguida com caneta sobre a fotocópia da lagartixa, fizeram outras interferências. Durante a aula os alunos falaram como tinha sido a semana e enquanto conversávamos uma aluna colocou sua mão sobre a minha e disse que estava quentinha; nesse momento todos os alunos começaram a pegar a mão do colega para ver se estava quente ou fria e acabaram desenvolvendo uma espécie de brincadeira. Ainda nesta aula, a aluna Franciele começou a se deitar sobre as cadeiras e colocar a mão na boca. Chamei a atenção dela, pedi que sentasse direito em sua cadeira e se comportasse. Com relação a esse comportamento, o professor Ernani disse que as vezes ela se joga no chão, tira a roupa e se comporta como criança para chamar atenção.



Figura 10 – Desenho de Lagartixa – Lia Menna Barreto.¹



Figura 11 – Desenhos dos alunos.

No encontro posterior, trabalhamos com linhas de contorno e preenchimento. A atividade proposta foi a de que cada aluno desenhasse a mão do colega no papel fazendo o contorno com caneta. Em seguida eles preencheram o desenho utilizando tinta; tudo feito dentro das possibilidades de cada um, o que acabou desenvolvendo o trabalho de diferentes maneiras. Alguns preencheram com tinta dentro do desenho e outros preencheram toda a folha ocupando todo o espaço. O aluno Gian fez alguns rabiscos, o que, considerando suas limitações, já é bem significativo. Todos desenvolveram seus trabalhos e no final

¹ Imagem disponível em <http://www.bolsadearte.com.br/site/pt/artista.asp?codConteudo=171>, acesso em nov. 2015.

da aula já estavam cansados e dispersos. Com esse grupo não se pode exigir muito e também não se pode deixá-los totalmente livres. É preciso estimulá-los, fazer conexões com outros trabalhos, fazendo desdobramentos, de modo que uma atividade pode se transformar em várias. Ao final da aula todos ajudaram a organizar o material e permaneceram na sala até o sinal tocar para o recreio.

Na aula seguinte, foi feita uma retomada dos trabalhos anteriores utilizando diferentes materiais e os alunos montaram uma composição. Ao longo das aulas ministradas com a turma CT1 busquei desenvolver a percepção e a representação de objetos e a reorganização espacial, propondo experimentações de materiais e vivências do dia-a-dia. A execução e o acompanhamento do Projeto Mosaico Vivo, a observação do crescimento das plantas, a constatação das suas transformações, os desenhos de observação feito com elas, o uso dos grãos de feijão como material plástico, e não apenas como alimento, foram de grande estímulo para os alunos. Todos eram convidados a fazer a separação e classificação do material utilizado na aula depois de cada atividade, reorganizando os materiais eles também se reestruturavam. Eles também foram estimulados de diferentes maneiras, tais como fazer comparação entre coisas simples, como a cor da roupa, da casa deles; ou desenvolver a percepção de que havia colegas que faltaram a aula naquele dia; ou durante o relato de como foi a semana; ou a autonomia e a iniciativa como monitores voluntários para ajudar o professor nas tarefas de distribuição do material e na organização da sala de aula. Para eles o grande estímulo é focar em coisas que estão dentro da sua realidade como a casa, a família, a Escola, as atividades que eles gostam de fazer como ir ao jogo de futebol e dançar.

A maioria dos alunos dessa turma não é alfabetizada e sabemos que, devido as dificuldades e particularidades de cada um, o aprendizado é um processo muito lento. Mas durante esse período ficou visível a mudança no comportamento deles. O grupo demonstrou mais interesse e concentração nas atividades e permaneceram em sala de aula até o final. Com relação a aluna Franciele, que se jogava no chão e se comportava como criança, agora desenvolve as atividades e permanece em sala de aula mantendo uma certa postura.

Os desenhos ficaram mais estruturados, embora traduzissem a percepção deles. Um exemplo disto foi na proposta de desenho de observação da plantinha,

onde o aluno Rafael, ao pegar a folha de papel, perguntou se deveria desenhar no papel em sentido vertical ou horizontal; acabou escolhendo fazer toda a planta com formas verticais, representando cada uma das hastes. O mesmo ocorreu com o Lucas que observou a planta e desenhou várias linhas verticais para representar cada uma das hastes. Uma evolução considerável foi que ele passou a estruturar as figuras no centro do papel, incluindo cabeça, tronco, braços, etc.; pois antes ele parecia perceber a folha de papel inteira como sendo uma figura, realizando desenhos apenas riscando o contorno do papel. Com relação ao aluno Antônio, ficou bem evidente que desenvolveu certa capacidade de estruturação do desenho e montagem de composição com diferentes materiais, principalmente quando representou o parque que fica no pátio da Escola. O aluno Gian passou a produzir alguns rabiscos e de alguma forma ou outra interagir com o grupo. Com cada aluno pude observar um crescimento significativo, seja no comportamento em sala de aula, seja na capacidade de criar e estruturar formas.



Figura 12 – Desenho de observação do Rafael. Figura 13 – Desenho de observação do Lucas.



Figura 14 – Desenhos do Lucas.



Figura 15 – Fotografias do Pátio da Escola.



Figura 16 – Composição representando o pátio da Escola.

Por fim cabe comentar que o projeto Mosaico Vivo acabou mobilizando não apenas os alunos da turma CT1, mas também os alunos de outras turmas que acompanharam o desenvolvimento do projeto e toda a semana faziam questão de me encontrar e falar do andamento do trabalho. Uma das coisas que percebi neste processo de construção de trabalho com os alunos da Escola Especial é que cada um deles tem seu tempo de aprendizado e que, apesar de ocorrer de forma mais lenta, ele acontece. Embora existam muitas limitações e dificuldades enfrentadas pelos alunos da Escola Especial, eles receberam muito bem cada proposta de trabalho e se propuseram a desenvolvê-las, superando gradualmente as dificuldades. Ficou claro que é necessário que o professor não desista de estimular os alunos e criar novas maneiras de trabalhar; considerando que às vezes é muito difícil não obter resultados imediatos e aceitar que o aprendizado ocorre de forma muito lenta, dependendo da limitação e dificuldades enfrentadas por cada um dos alunos. Para mim o estágio na Escola Especial foi um aprendizado muito significativo, pude perceber que muitas vezes o andamento da atividade depende muito da turma, depende também de perceber seu ritmo e de como eles estão naquele dia, para conseguir compreender até que ponto podemos estimulá-los sem com isso sobrecarregá-los.

II

Também realizei o *Projeto Mosaico Vivo* na turma 231, terceiro ano do Ensino Médio do **Colégio Estadual Professor Elpídio Ferreira Paes**. Nas primeiras aulas do Estágio eles construíram o Mosaico de grãos e exploraram diferentes temas em seus trabalhos, como o símbolo da paz, flor, bicho, fruta, rosto e cérebro e o símbolo yin-yang. Também ficaram responsáveis por molhar e fazer fotografias todos os dias desse trabalho. Mas, na semana seguinte houve uma paralização dos professores da Rede Estadual de Ensino e as aulas foram interrompidas. Com isso não tive mais contato com a turma e não pude dar seguimento às atividades. Entretanto, por acaso encontrei dois alunos no ônibus e eles relataram que haviam levado o trabalho para casa para cuidar, já que a Escola estava fechada. Eles também relataram que tinham substituído alguns grãos, que estavam mofando. Para mim foi uma surpresa porque já tinha dado como perdido

o projeto e, além disto, também pelo cuidado que eles tiveram com os trabalhos. Por outro lado, pude perceber o quanto era limitada a experiência deles com a natureza, com a germinação das plantas ou seu processo de desenvolvimento, afinal o mofo era também parte do processo de decomposição dos grãos que não haviam germinado. Na semana seguinte as aulas foram retomadas.



Figura 17 – Execução do Mosaico Vivo.



Figura 18 – Execução do Mosaico Vivo.



Figura 19 – Fotos dos trabalhos executados.

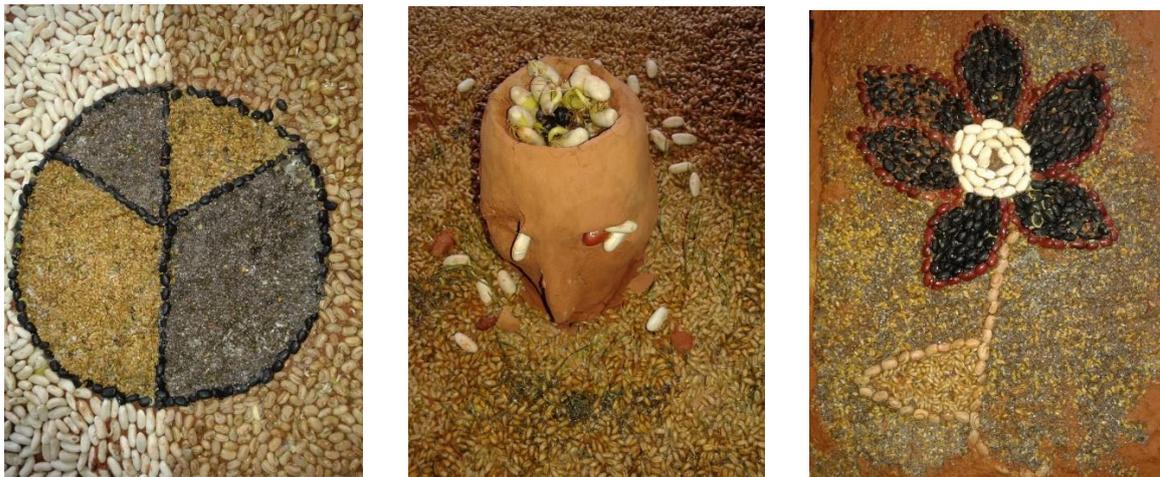


Figura 20 – Fotos dos trabalhos executados.

Na aula seguinte comecei falando sobre o projeto Mosaico Vivo. Alguns trabalhos estavam com a argila seca e craquelada devido à falta de água, mas outros já estavam germinando. Os alunos mostraram as fotos que fizeram no decorrer da semana e em seguida começamos as atividades relacionadas ao Mosaico Bizantino. Iniciei com apresentação de imagens em *slides* (fig. 21 e 22), partindo em seguida para a atividade prática. A maioria dos alunos trabalhou e concluiu suas tarefas em sala de aula, mas alguns ficaram de concluir em casa. Durante a execução da atividade uma aluna me disse que iria representar em seu trabalho as rachaduras que ela tinha observado em seu Mosaico Vivo, provocadas pelo ressecamento da argila que deixou a imagem craquelada. Com isso pude observar que de alguma maneira a execução do projeto levou à reflexão e isto teve implicações nas suas criações. Outro fato relevante foi que um aluno, ao concluir o

retrato de seu colega (fig. 24), ficou impressionado com o resultado. Ele não acreditava que havia feito algo tão interessante e mostrou para os outros com muito orgulho. Creio que assim ele tenha se motivado a buscar novos desafios, a desenvolver sua autoestima e a se interessar mais pelas artes. Também observei que alguns alunos têm mais dificuldade em desenvolver trabalhos que envolvem a abstração e a criação de novas formas, porque mesmo mantendo a atividade relacionada a técnica do mosaico que eles já tinham trabalhado na aula anterior, bastou trocar o material para que ficassem sem referência, sem saber como executar a tarefa. Novamente as aulas foram interrompidas devido à greve dos professores.

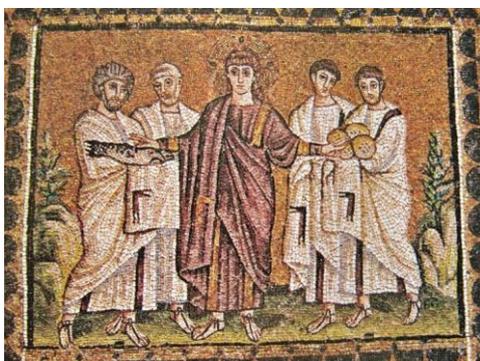


Figura 21 – O milagre dos pães e dos peixes, 520 d. C. – Mosaico Bizantino.²



Figura 22 – Basílica de São Apolinário, Ravena, 530 d. C.³



Figura 23 – Foto da imagem craquelada.

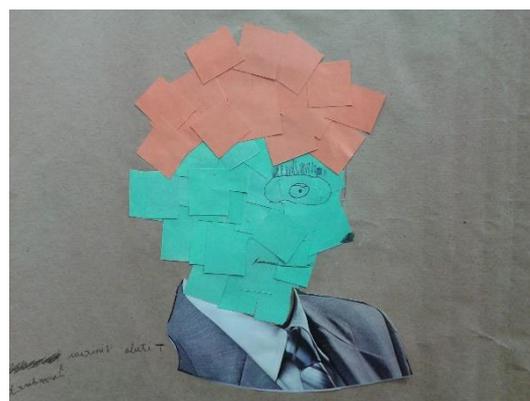


Figura 24 – Retrato.

² Imagem disponível em: <https://sites.google.com/site/alanpalhas/-6---arte-bizantina>, acesso em nov. 2015.

³ Imagem disponível em: <http://umolharsobreart.blogspot.com.br/2014/04/81-arte-da-idade-media-arte-medieval.html>, acesso em nov. 2015.

Retornando da greve, conversamos novamente sobre o projeto. Alguns alunos levaram os trabalhos para casa e outros deixaram na Escola durante o período de greve. Quem levou o trabalho para cuidar em casa disse que os grãos se desenvolveram bastante, mas os restantes, que os deixaram na Escola, acabaram perdendo-os porque secaram completamente. Então ficou decidido com o grupo que utilizaríamos as fotos que eles fizeram no início da construção do projeto para desenvolver outro trabalho. Logo em seguida, os alunos realizaram a atividade proposta e apresentaram outros desenhos que realizaram em casa. Alguns comentaram ter gostado daquela aula e outros disseram achar difícil o trabalho com criação porque “tinha que pensar muito”.



Figura 25 – Fotos do “Mosaico Vivo” seco.

Na aula seguinte, adiantei dois períodos com a turma 231, mas estavam presentes apenas quatro alunos, devido à falta de ônibus circulando no bairro, ocasionada por conflitos na região. Foi uma aula muito produtiva, os alunos perguntaram coisas sobre a história da arte, sobre conceitos, sobre movimentos artísticos e sobre quem definia o que era obra de arte. Também trouxeram trabalhos que eles gostavam para apresentar e pediram para ver minha produção plástica. Foi uma longa conversa sobre arte, esclarecemos algumas questões e conversamos sobre músicas e poemas de interesse deles. Um aluno mostrou-me

uma poesia de sua autoria. Alguns também falaram sobre seus sentimentos, sobre seu autoconhecimento e como eles se sentem perante a sociedade.

Depois de muita discussão com o grupo sobre suas demandas e de visualizar imagens (fig. 26) sobre a obra de Vik Muniz foi proposto aos alunos uma atividade, que seria a de desenvolver uma imagem utilizando diferentes materiais. Então eles pediram se poderiam trabalhar com tinta, queriam muito fazer pintura, já que poucas vezes eles tiveram a oportunidade de usar esse material. Com isso pude perceber que o material reciclado não é um atrativo porque eles vêm de espaços precários onde a reciclagem já é algo que faz parte do seu cotidiano. Quando um dos alunos vestiu o avental e pegou um pincel na mão disse estar se sentindo um pintor e ficou muito feliz. Ao final da aula, uma aluna perguntou qual dos trabalhos realizados estava melhor. Respondi que dentro da técnica e tema que cada um explorou todos estavam bons, então mostrei cada trabalho e falei sobre a composição, sobre as cores e sobre o que cada um havia explorado. Alguns exploraram a perspectiva, outros uma pintura mais gestual e outros uma pintura figurativa. Pude notar que eles queriam uma referência do que era considerado “bom” dentro da técnica de pintura.



Figura 26 – Série *Pictures of Garbage* (2009) – fotografia dos trabalhadores do aterro Jardim Gramacho, RJ – Vik Muniz.⁴

⁴ Imagem disponível em: <http://thematerialcollective.org/collecting-material/>, acesso em nov. 2015.



Figura 27 – Pinturas dos alunos com tinta guache.

Na semana seguinte faltaram professores na Escola e adiantei novamente mais dois períodos, finalizando as atividades e fazendo o encerramento das minhas aulas com a turma. Os alunos deveriam ter trazido fotocópias de algumas imagens que eles fizeram do Mosaico Vivo para desenvolver uma atividade. Como em todos os encontros ninguém trouxe nada, mas como já esperava por isso levei algumas imagens dos mosaicos que eles mesmos realizaram nas primeiras aulas, que foi utilizada por alguns enquanto outros escolheram trabalhar com imagens de

revistas. Antes de começar a atividade prática foram apresentadas algumas imagens do trabalho da artista Lia Menna Barreto e algumas imagens de meu trabalho plástico para introduzir a atividade a ser realizada. Conforme fui expondo as imagens e falando sobre a obra da artista, os alunos foram interagindo, trazendo elementos e perguntando coisas sobre arte. Acredito que este momento foi bem produtivo, pelo menos para alguns, pois também tive que administrar um grupo de alunos que não estava interessado e atrapalhava a aula. Nos momentos finais alguns alunos saíram, mas um grupo de alunos interessados – que trouxe trabalhos feitos por eles, vídeos de artistas, músicas e livros para discutir em sala de aula – acabou criando um espaço de discussões e trocas de experiências que foi muito interessante.

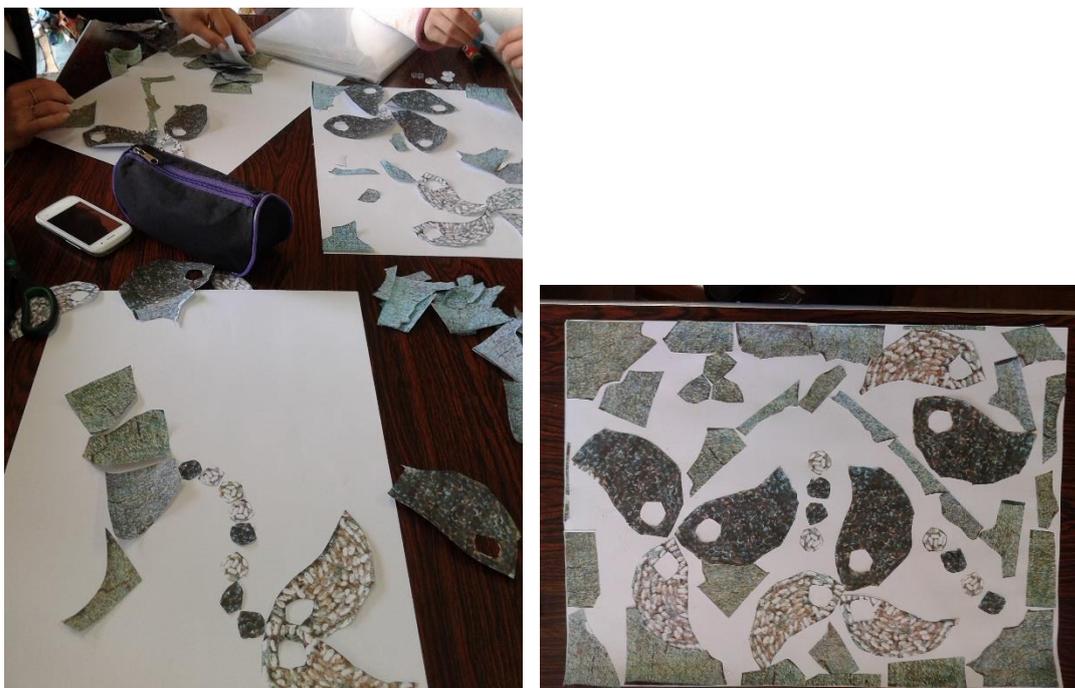


Figura 28 – Trabalhos de criação utilizando fotocópias dos mosaicos vivos e recortes de revistas.



Figura 29 – Trabalhos de criação utilizando fotocópias dos mosaicos vivos e recortes de revistas.

Durante a experiência com esta turma pude constatar que são poucos os alunos interessados em aprender alguma coisa em sala de aula e também que a falta de estrutura física da Escola acaba dificultando o desenvolvimento das atividades. A sala de artes é muito pequena e não tem espaço para acomodar 37 alunos, obrigando-os a distribuírem-se ao redor de mesas, sobre as quais mal cabem suas folhas de papel A4. Além disto, a Escola não disponibiliza material, os alunos também não trazem e o professor acaba tendo que trazer para que as

atividades possam ser realizadas. A escola possui apenas um aparelho de *datashow* e, como a disciplina trabalha com imagens, deveria ter um aparelho a sua disposição na sala de artes.

Além disso vale mencionar que no início da construção do Mosaico Vivo os alunos demonstraram bastante interesse, mas depois dos intervalos entre as aulas – provocados pelas paralizações e greve dos professores – eles acabaram se desmotivando. Observei que a maioria dos alunos possui muita dificuldade em criar e abstrair as imagens. Um dos alunos chegou a expressar em sala de aula que criar era muito difícil porque tinha que pensar muito. Dessa experiência em sala de aula posso ressaltar que apesar das dificuldades e de uma minoria dos alunos demonstrar interesse, é possível fazer com que desenvolvam um aprendizado e se proponham a novas experiências acerca da arte, fazendo novas relações e compreendendo questões culturais.



Figura 30 – Fotografias dos alunos em sala de aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de considerações finais, gostaria de referir a um trecho do livro *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*, onde Hernández (2000, p. 43) afirma que uma educação para a compreensão da cultura visual orienta-se pelo estudo e decodificação dos produtos culturais. Neste contexto o estudo das artes oferece elementos fundamentais para a compreensão de uma cultura, tanto de seus costumes e tradições como de suas crenças e valores espirituais e materiais. O conhecimento artístico fornece elementos que nos permitem perceber nossa realidade, analisar, criticar e compreender nossa própria cultura. Assim podemos entender o quanto é importante o papel do professor e do mediador nos espaços educacionais, pois é ele quem vai conduzir o olhar e possibilitar novas experiências e novas formas de olhar. Contudo, apesar das barreiras e dificuldades encontradas nas escolas, das limitações físicas e mentais, a arte aconteceu, possibilitando aos alunos novas conexões e a descoberta de si próprio e da cultura em que se inserem.

Por fim, o processo todo também me levou a desenvolver desenhos que representam as aulas desenvolvidas durante o estágio. São formas abstratas que eu já realizava há algum tempo em pequenos esboços no caderno ou em um pedaço de papel qualquer nos intervalos entre uma atividade e outra. Nunca tinha dado muita importância a eles, apenas realizava como forma de brincadeira ou para passar o tempo e mesmo para extravasar algum sentimento.

Somente durante a realização do Estágio eu prestei mais atenção neles e comecei a pensar a respeito. Através dos desenhos passei a registrar os acontecimentos desse período e ao mesmo tempo organizar meus pensamentos. Eles representam o trabalho desenvolvido em sala de aula com os alunos e coisas que despertaram meu interesse em algum momento do processo. Representam novas descobertas e aprendizados, e também sentimentos dos mais diversos. Cada aula é uma experiência que pode dar muito certo, ou não, dependendo da turma e da capacidade do professor mobilizar seu interesse.

São desenhos com lápis de cor sobre papel canson, medindo em torno de 10,5 cm por 14,8 cm. A escolha das cores quentes remete à intensidade da

experiência e traduz também uma relação de afeto. Ao final do Estágio fiz fotografias de cada trabalho e digitalizei, montando uma composição agregando partes deles para formar o mosaico final.

Apresento-os abaixo em um mosaico.



Figura 31 – Montagem de fotografias dos desenhos em Photoshop – Vânia Riger.

Resta dizer que o período de Estágio foi de muito aprendizado e reflexão, mas, ao mesmo tempo, de resgate do meu próprio trabalho artístico.

6 BIBLIOGRAFIA REFERIDA

- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. Trad. Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BONDÍA, Larrosa Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. Trad.: João Wanderley Geraldi. n.19, p.20 – 28, Jan/Fev/Mar/Abr. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>, acesso em: 26/06/2015.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Trad. Jussara H Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- RIO GRANDE DO SUL. *Regimento do Curso Ensino Médio Politécnico*. Colégio Estadual Elpídio Ferreira Paes. Porto Alegre.
- RIO GRANDE DO SUL. *Regimento Escolar Colégio Estadual Elpídio Ferreira Paes*. Porto Alegre, 2012.
- SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE. *Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Professor Elyseu Paglioli*. Porto Alegre.
- VERÍSSIMO, Érico. *Solo de Clarineta: memórias*. Porto Alegre, Globo, 1973.
- VIDA e morte em retrato. Produção. Vânia Riger. Porto Alegre – RS, 2009. 1 DVD (2 min.)

7 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ARCHER, Michael. *Arte Contemporânea: uma história concisa*. Trad. Alexandre Krug, Valter Lellis Siqueira. 2º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte, Educação e Cultura*. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>> acesso em jun. 2011.
- BERGER, John. *Modos de ver*. Trad. Lúcia de Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. MEC. *Parâmetros curriculares nacionais: arte* /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC /SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte* /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC /SEF, 1998.
- COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

- DANTO, Arthur C. *Após o fim da Arte: a Arte Contemporânea e os limites da História*. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- GODOY, Vânia Riger. *O fazer artístico e as oficinas terapêuticas de reabilitação psicossocial*. Trabalho de Conclusão de Curso (Residência Integrada em Saúde – Ênfase em Saúde Mental Coletiva) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul em convênio com a Escola de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.
- LIMA, Elizabeth Araújo. *Arte, Clínica e Loucura: território em mutação*. São Paulo: FAPESP, 2009.
- MATURANA, Umberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Trad. José F. Campos Fortes. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2002.
- NEUBARTH, Barbara E. *No fim da linha do bonde, um tapete voa-dor: a oficina de criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (1990-2008): inventário de uma práxis*. Porto Alegre, 2009. Tese de doutorado (Educação), UFRGS.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 22 ed. – Petrópolis: Vozes, 2008.
- PAÍN, Sara. *Fundamentos da arteterapia*. Trad. Giselle Unti. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SANTOMÉ, Joufo Torres. *As culturas negadas e silenciadas do currículo*. In: SILVA, Tomas Tadeu. (org.). *Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 159-177.
- ZORDAN, Paola. *Iniciação à Docência em Artes Visuais – Guia e experiências*. São Leopoldo: Oikos, 2011.
- ZORDAN, Paola. *Percursos das artes plásticas visuais: geologia de uma disciplina*. In: ICLE, Gilberto (org). *Pedagogia da Arte: entrelugares da criação*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010, pp. 84 – 101.
- ZORDAN. Paola. *Concepções didáticas e perspectivas teóricas para o Ensino das Artes Visuais*. In: *Revista Linhas* v.6, n.2, 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1265>, acesso em abr. 2015.